

## Notas sobre o Amor Vivido: Uma Travessia Fenomenológico-Literária

### Notes on Lived Love: A Phenomenological-Literary Journey

Gabriel Engel Becher

#### Resumo

Este artigo desenvolve uma compreensão original do amor erótico como modo de ser, experiência vivida distinta da paixão e do sexo. Através de citações literárias, explora as condições de possibilidade do amor manifesto por sua ênfase, em diálogo aberto com referências filosóficas da tradição fenomenológica, e por sua privação, à luz das patologias do amor como derivadas de paixão e sexo: o enamoramento e a perversão sexual. O amor e suas patologias são dialeticamente relacionados com os processos vividos do amadurecimento, dos pontos de vista da psicopatologia fenômeno-estrutural e da literatura. Na sequência, o orgasmo e a arte são apresentados como expressões do amor. Conjectura-se, ainda, a possibilidade de uma terapêutica às patologias do amor por meio da abertura intersubjetiva ao amor; e, por fim, assinala-se o amor vivido, enquanto experiência dual de aprofundamento intercorporal, como superação antropológica do dualismo.

**Palavras-chave:** Amor. Paixão. Sexo. Patologias do Amor. Fenomenologia. Psicopatologia. Literatura.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

#### ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.  
2024; vol13(2): 71-83

Published Online

08 de outubro de 2024

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v13i2.1193>

Gabriel Engel Becher

Psiquiatra e psicoterapeuta pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP (IPq-HCFMUSP). Filósofo pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP).

Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE).

Contato:

becher.gabriel@gmail.com

## Notas sobre o Amor Vivido: Uma Travessia Fenomenológico-Literária

### Notes on Lived Love: A Phenomenological-Literary Journey

Gabriel Engel Becher

#### Abstract

This article develops an original understanding of erotic love as a way of being, a lived experience distinct from passion and sex. Through literary quotations, it explores the conditions of possibility for love manifest by its emphasis, in open dialogue with philosophical references from the phenomenological tradition, and by its privation, in light of the pathologies of love as derived from passion and sex: infatuation and sexual perversion. Love and its pathologies are dialectically related to the lived processes of maturation, from the perspectives of phenomenological-structural psychopathology and literature. Following this, orgasm and art are presented as expressions of love. It also conjectures the possibility of a therapy for the pathologies of love through intersubjective openness to love; and, finally, it points to lived love as a dual experience of intercorporeal deepening, and, ultimately, an anthropological overcoming of dualism.

**Keywords:** Love. Passion. Sex. Pathologies of Love. Phenomenology. Psychopathology. Literature.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

## ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.  
2024; vol13(2): 71-83

Published Online

08 de outubro de 2024

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v13i2.1193>

Gabriel Engel Becher

Psiquiatra e psicoterapeuta pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP (IPq-HCFMUSP). Filósofo pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP).

Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE).

Contato:

becher.gabriel@gmail.com

Este artigo corresponde à íntegra da conferência homônima, apresentada no XII Simpósio da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE). O evento foi sediado no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP (IPq-HCFMUSP), em 21 de setembro de 2024.

\*

## 1.

Convém falar de amor. Amor, tema sobre o qual tanto já se falou. Tudo já se falou. Amor, qualquer referência adicional parece transbordante, excessiva. Parece pronta para desbotar um termo já tão esgarçado pelo lugar comum, insistente em evocar todo apego, toda ternura, toda querência, toda volúpia, pelo nome de amor. Ainda assim, convém falar de amor. Convém, sobretudo, resgatar do fenômeno certos sentidos originais, ligados à experiência de amar. Convém restituir ao amor-conceito o amor vivido, a estrutura personalíssima do amor como modo de ser. Convém falar de amor na exata medida em que convém amar.

Para tanto, compete ao teórico suspender seus próprios amores – na medida do possível – e investigar as condições que asseguram a experiência amorosa, fundamento do fazer científico. Especificamente sobre o amor erótico, enveredaremos aqui pela Arte e pela Psicopatologia, paragens distintas de uma travessia ôntico-ontológica, i.e., ambientada no espaço de continuidade entre o ser empírico (aquele que experiencia o amor) e o ser transcendental (aquele em cuja estrutura está fincada a possibilidade de amar). Percorreremos as alamedas do amor manifesto por sua ênfase e por sua privação: neste caso, guiados por material oriundo da clínica da sexualidade; naquele, por referências filosóficas da tradição fenomenológica. Recorreremos constantemente a citações literárias, apelo à vocação mesma da literatura: a expressão das formas do real sob conteúdo ficcional. Ficção como saturação de realidade. *Literatura como transformação do mundo em mundo*. Afinal, são tantas as referências ao amor quantos são os livros, tal qual são tantos os modos de gozar do amor quantos são os sujeitos. Poetas em potência, amantes em ato.

## 2.

Começamos pela negatividade do termo. Amor não é paixão, amor também não é

sexo. Qual é, então, o estatuto diferencial da paixão e do sexo em relação ao amor? Assim indica João Ubaldo Ribeiro n’*A casa dos budas ditosos*: “A paixão é simplesmente a tesão formatada”<sup>1</sup>. Sua implicação: paixão e sexo se nivelam como estados de realce da imanência vivida – distintos do amor, por excelência.

Paixão e sexo se enfatizam a cada vez no corpo sensível ou no intelecto, na presença ou ausência de seu objeto. Note-se: o apaixonado, à distância, exclama que “só pensa nele/nela”, que “não tem olhos para outro alguém”. Em companhia, fogem-lhe as palavras, escapa-lhe a própria possibilidade do verbo, ao passo que o coração palpita e a pele vibra. O excitado reage à simultaneidade corpórea – matéria em modo liga-desliga, do centro à periferia, até o ponto de ação: “É como se somente o coração e o pênis funcionassem, grudados um no outro, e todos os outros órgãos tivessem derretido”<sup>2</sup>, diz Ryū, personagem do homônimo Murakami, em *Azul quase transparente*. Diante da falta, recorre à fantasia, como se o corpo almejado ali se apresentasse, à disposição.

Entre paixão e sexo, há continuidade semântica. Sua unidade se dá no *desejo* – na dominação despótica de um campo da consciência sobre os demais. Consciência em ambição de satisfação imediata, guiada pela recusa em não ser. Paixão e sexo nascem, portanto, da falta estrutural. Escorrem da assimetria sujeito-objeto. Tendem, cartesianamente, à separação.

Entre reflexo e idealização, paixão e sexo parecem prestar contas às partes da totalidade vivida, metonimicamente. Como se nota n’*Os enamoramentos*, de Javier Marías, quando María Dolz reconhece Javier Díaz-Varela “como se todo ele fosse boca beijável”. Toma o homem-objeto pela superfície – corpo magnético. Paixão é experiência *estética*. Apressada, circula por generalizações. Marías arremata: “A gente acha que o que nos apaixona todo mundo deveria desejar”<sup>3</sup>. Proposta afim à de César Aira, em *A prova*: “Marcia era tipicamente jovem na medida em que só concebia o amor como uma questão de tipos gerais; a gente só se apaixonava por um conjunto de características que se reuniam num indivíduo e que também podiam se reunir em outro. Bastava encontrar quem as tivesse”<sup>4</sup>. Todo encontro interpessoal é, em princípio, impessoal.

Paixão e sexo podem não se esgotar em si mesmos, entretanto. Na medida em que partilham pressupostos essenciais com o amor, podem dele operar como motores – se

---

1 Ribeiro, J. U. (2018). *A casa dos budas ditosos*, p. 120.

2 Murakami, R. (2023). *Azul quase transparente*, p. 51.

3 Marías, J. (2012). *Os enamoramentos*, p. 115.

4 Aira, C. (2024). *A prova*, p. 52.

capazes de se aprofundar na *personalidade*. O desejo, cultivado em solo fértil, pode vir a ser amor. Afinal, o amor é sublime, mas o amor encarnado se apoia em processos mecânicos. Assinala Ortega y Gasset, em um de seus ensaios: “Não há amor sem instinto sexual. O amor usa deste como de uma força bruta, como o veleiro usa o vento”<sup>5</sup>.

### 3.

Ora, atravessemos com Clarice: “Não quero a beleza, quero a identidade”<sup>6</sup>. Detenhamo-nos na redução fenomenológica do amor, *pari passu* com a filosofia continental, orientados pelo conhecimento dos modos apriorísticos de doação e de destaque do sujeito-objeto erótico à consciência capaz de amar, no contínuo espaço-temporal e na intercorporeidade. Trata-se de assumir o amor como *situação*. Como *reciprocidade* intersubjetiva.

Sobre o amor na fenomenologia dialética de Hegel. Na *Fenomenologia do espírito*, o filósofo o estabelece como reconhecimento-de-si pelo outro, regresso *tranquilo* a si a partir daquilo que é o outro. Tranquilo já que não é desejo. Amor hegeliano é trajeto sereno de individualidades que se conservam íntegras na ocasião mesma de se entregar ao outro – ou mesmo *por* se entregar ao outro. É ato de esquecer-se num outro eu, encontrar-se e se reapossar de si mesmo.

Sobre o amor na fenomenologia transcendental de Merleau-Ponty, antes e para além de toda teoria. Ao capítulo 5 da *Fenomenologia da percepção* se deve a fundação histórica e epistemológica do *ser sexual*, como desenvolvi em outra parte<sup>7</sup>. No interior de uma hermenêutica entre as contingências e o ser em geral, a vida afetiva aparece como *modo original* da consciência, intencionalidade em direção ao mundo investido de significação sexual – da qual sexualidade é *signo privilegiado*. O corpo sexual, intersubjetivamente situado, realiza e atualiza a existência sempre e a cada vez. Dito de outro modo: o corpo sexual é origem e evidência da significação sexual da existência. Em disposição figura-fundo, a sexualidade é sempre *atmosfera*. Em última instância, amar se liga à própria possibilidade de ser.

Sobre o amor na fenomenologia antropológica de Binswanger. Em *Formas Fundamentais*, o amor, experiência fundamental da existência compartilhada, é

---

5 Ortega Y Gasset, J. (2019). Amor em Stendhal, p. 109.

6 Lispector, C. (2020). A paixão segundo G.H., p. 59.

7 Ver Becher, G. (2023). A fundação do ser sexual. In: Psicopatol. Fenomenol. Contemp., v. 12, n. 2: Edição especial.

compreendido em sua espacialidade, temporalidade e corporeidade. A partir da unidade da categoria “um-com-o-outro” (qualquer semelhança com o ser-aí como ser-com heideggeriano não é mera coincidência), o espaço do amor é o espaço livre e infinito da nostridade, no qual se manifesta como concessão de um a outro, sem supressão ou violência. O tempo do amor é o da eternidade, sempre e a cada vez *nosso*, esteio da liberdade de poder-ser. E, na corporeidade do encontro, o amor evidencia o Dasein como ocupação do mundo – ou melhor, enquanto *co-ocupação* do mundo co-constituído.

Enfim, na fronteira entre a filosofia e a literatura, sobre o amor em Ortega y Gasset. Fenomenologicamente, sintetiza que “amar é estar *ontologicamente com o amado*”<sup>8</sup>. Poeticamente, que amor é *concordia*, “coração junto com coração”<sup>9</sup>.

#### 4.

Tolstói assim abre *Anna Kariênina*: “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”<sup>10</sup>. Analogamente, há uma essência do amor, mas variadas formas de se viver o malogro da experiência amorosa. Há, portanto, *patologias do amor*, derivadas de paixão e sexo como fenótipos do desejo. Antes de adentrá-las, alguma consideração vocabular.

*Páthos* é o termo grego para as paixões da alma. Em sua polissemia originária, abarca os afetos, que turvam o julgamento da razão. Aristóteles, na *Retórica*, elevou as *páthê* ao estatuto de constituintes essenciais do caráter, em função de seu apelo persuasivo em um discurso. Tal é o pressuposto filosófico da incorporação renascentista das patologias, já mencionadas por Hipócrates, aos modos de ser do homem. Paixão e doença, inextricavelmente ligados.

Ora, em chave patológica, o desejo pode degenerar. O sujeito pode se encerrar no abismo do desejo, no abismo de si. No *Atlas do corpo e da imaginação*, Gonçalo M. Tavares assim exprime: “Esse Homem – quando alcança esse estado, a que podemos chamar de satisfação, alcança também o lugar perigoso, lugar onde a existência pode parar (...). O homem satisfeito é o homem que tem as suas ligações petrificadas, terminadas”<sup>11</sup>. Iluminam-se, desta feita, as condições de possibilidade do adoecimento amoroso. No devir

---

8 Ortega Y Gasset, J. (2019). Amor em Stendhal, p. 89.

9 Ortega Y Gasset, J. (2019). Feições do amor, p. 75.

10 Tolstói, L. (2017). Anna Kariênina, p. 14.

11 Tavares, G. M. (2021). Atlas do corpo e da imaginação, p. 131.

espaço-temporal, o amor pode coagular – como alude César Aira em *O congresso de literatura*: “Para o coração o tempo não passa”<sup>12</sup>. No eixo intercorporal, o amor pode se apartar – como indica Afonso Cruz em *A boneca de Kokoschka*: “As grandes paixões vivem disso, da falta de verdadeira intimidade”<sup>13</sup>.

As patologias do amor sintetizam-se como estado de dominação *fixa e excludente* de um campo da consciência sobre os demais, estado cujas manifestações fenomênicas se alinham às conformações vivenciais do desejo. Quanto à paixão, o *enamoramento*; quanto ao sexo, a *perversão sexual*. Duas faces de uma mesma moeda. Atréadas aos estilos de imobilidade existencial, tipos psicopatológicos como tendências de desproporção dialética da estrutura, pode-se dizer que, às patologias do amor, há *favorecimento estrutural*. Nos termos de Ortega y Gasset (ressalva feita à heteronormatividade datada): “Na eleição da amada, revela seu fundo essencial o homem; na eleição do amado, a mulher. O tipo de humanidade que preferimos esboça o perfil de nosso coração”<sup>14</sup>.

Ademais, as patologias do amor podem ser tomadas como descaminhos da atenção vivida. Ao passo que amor é deslocamento inspirado, livre trânsito da consciência no mundo, permanência *em favor* do ser amado; enamoramento é ideia fixa, empobrecimento enquanto enrijecimento da consciência, detenção *em prejuízo* de seu objeto. Objeto hipnótico, hiper-real. Consciência embriagada, desnorteada. Enamorar-se é cravar os olhos na tela do amor.

Algumas considerações sobre a essência psicopatológica da perversão sexual, desenvolvida em outra parte<sup>15</sup>, via privilegiada à compreensão do amor. Não se trata de tomar emprestado o termo da Psiquiatria moral ou da Psicanálise, senão de restituir-lhe sua significação primeira: estar *à margem* de um curso. As condições da relação plena entre consciências intencionais, em campo erótico, são: vitalidade, humanidade e juízo. O cortejo é a forma da aproximação entre sujeitos com finalidade clara: a realização corporal do amor. A perversão sexual, possibilidade antropológica, emerge em qualquer solução de continuidade desta trama: na privação de vitalidade, humanidade e/ou juízo do objeto erótico (na nosologia psiquiátrica, as *parafilias de objeto*); e na subversão da forma e

---

12 Aira, C. (2024). *O congresso de literatura*, p. 66.

13 Cruz, A. (2021). *A boneca de Kokoschka*, p. 135.

14 Ortega Y Gasset, J. (2019). *A eleição no amor*, p. 140.

15 Ver Becher, G. E., Hortêncio, L. O. S. *Sexualidade: uma leitura fenomenológica da perversão sexual*. In: Tamelini, M. & Messas, G. *Fundamentos de clínica fenomenológica*. (2022). São Paulo: Editora Manole.

finalidade da aproximação amorosa (na nosologia psiquiátrica, as *parafilias de cortejo*). Fetichismo é parafilia de objeto, enfeitiçamento da consciência pelo objeto-fetice eleito, fonte inanimada de desejo. Donjuanismo é parafilia de cortejo, forma tomada por finalidade erótica, clausura no próprio ato da sedução. Na perversão sexual, quantidade prevalece sobre qualidade. Superfície, sobre profundidade. Elogio à indistinção. Perversos sexuais são, afinal, inaptos a viver o amor.

Há, ainda, uma via literária de caracterizar as patologias do amor. Atentemo-nos primeiro ao excerto sobre J., em *O homem sexual*, de Kenzaburo Oe: “Depois da morte da primeira esposa, tinha se tornado incapaz de abordar o mundo real. Ainda assim, ele se apegava à ideia de um pequeno mundo sexual à moda dele, da mesma forma que uma ostra se agarra à rocha. Acreditava ser esse o único caminho que daria sentido para o resto da própria vida”<sup>16</sup>. Na sequência, novamente a Javier Marías: “De repente nos apaixonam coisas a que jamais havíamos dedicado um pensamento (...), centramos nossas energias em questões que só nos afetam vicariamente ou por feitiço ou por contaminação, como se decidíssemos viver numa tela ou num cenário ou no interior de um romance, num mundo alheio de ficção que nos absorve e distrai mais do que nosso mundo real”<sup>17</sup>. Ora, as patologias do amor são modos de *ficção de si*, diversos da insuportável realidade compartilhada do amor.

## 5.

Impõe-se, neste ponto, a dúvida de Roland Barthes: “Por que razão durar seria melhor do que arder?”<sup>18</sup>. Um palpite: porque *o amor conduz o amadurecimento pessoal*. O que há de singular no tipo de transcendência erótica, em distinção ao amor pelo sagrado, é a necessidade da presença e permanência à consciência do objeto amado. Aqui, não há transcendência sem imanência. Não há elevação sem ancoragem na concretude das coisas. Ora, entre a verticalidade da introspecção e a horizontalidade da sintonia interpessoal, em balanço contínuo na dialética sujeito-mundo, corre a possibilidade pré-reflexiva do amadurecimento.

Messas, no *Ensaio sobre a estrutura vivida*, afirma que “o amor é sedimentação de experiências duais vivenciadas ao longo do tempo”<sup>19</sup>. Amor atado a tempo, união afinada

---

16 Oe, K. (2011). *O homem sexual*, p. 264.

17 Marías, J. (2012). *Os enamoramentos*, p. 148-149.

18 Barthes, R. (2006). *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 30.

19 Messas, G. (2010). *Ensaio sobre a estrutura vivida*, p. 20.

por duração. A evidência da maturidade amorosa é a própria definição do amor: comunhão como preservação de si. Daí que as patologias do amor são formas de *imaturidade estrutural*. E que o amor é escultor da biografia individual, no sentido da autorrealização autêntica. No mais das vezes, o número de amores da vida de um sujeito (amores, de fato) corresponde ao número de modificações radicais de si mesmo, de turnos da identidade e de seus projetos de sentido, de reorientações do ser empírico e de seu sistema de valores pessoais. Em suma, *amar é temporalizar-se*.

## 6.

Atentemo-nos, na sequência, a duas citações literárias:

- i) “Aconteceu o entrelaçar de nossos corpos, aconteceu esse incompreensível *nós*, esse *nós* que, de maneira confusa, sinto vir de longe, de um antes situado bem aquém de nossa existência limitada”<sup>20</sup>.
- ii) “Mas se seus olhos não me viam, a existência dela me existia – no mundo primário onde eu entrara, os seres existem para os outros como modo de se verem. E nesse mundo que eu estava conhecendo, há vários modos que significam ver: um olhar o outro sem vê-lo, um possuir o outro, um comer o outro, um apenas estar num canto e o outro estar ali também”<sup>21</sup>.

Caberia, aqui, a tese de que exprimem encontros sexuais. Mas estamos diante de dois encontros distintos entre espécies distintas: mulher e animal. O primeiro trecho, de *Escute as feras*, é o relato do embate travado pela antropóloga Nastassja Martin com um urso; o segundo, de *A paixão segundo G.H.*, meditação da narradora prestes a engolir as entranhas de uma barata. Ainda que não sejam conteúdos explicitamente investidos de significação sexual, a sexualidade se entremeia como possibilidade perene – o que nos permite imaginá-los como tal.

Mote perfeito à compreensão do orgasmo, epifenômeno da radicalidade corporal do amor. Estado de vibração máxima, potente onda que se propaga, eletricidade em decantação. Orgasmo é *êx-tase*, força centrífuga, transcendência literal. Orgasmo é *fluxo*. Objetivamente, vincula-se ao fenômeno terminal da ejaculação. Mais abaixo, orgasmo é temporalidade vivida, abertura corporificada, suspensão do tempo cronométrico pela eternização no instante presente. Orgasmo é concretização hedônica do pleno encontro, convergência entre corpos e existências, condensação no espaço de intersecção. Fusão de espécies, simbiose, amálgama erótico da Natureza. Orgasmo é, sobretudo, síntese da vida.

---

20 Martin, N. (2021). *Escute as feras*, p. 59.

21 Lispector, C. (2020). *A paixão segundo G.H.*, p. 74.

## 7.

No orgasmo, amor é carne. E na arte? Em *Uma hora de fervor*, de Muriel Barbery, Haru perpassa o “pensamento de que a arte talvez fosse a parte sem carne do amor”<sup>22</sup>. Ora, o amor se realiza na medida em que se expressa – na arte, no corpo. Amor e literatura, modos de linguagem, i.e., modos expressivos e relacionais (com maior ou menor ênfase corporal) de se habitar o mundo da vida.

O ser-amante é o ser-artista, e vice-versa – já que ambos são ser-com-o-outro, no espaço e no tempo. Em *Paixão simples*, Annie Ernaux, ao afirmar que “o tempo da escrita nada tem a ver com o tempo da paixão”, parece vincular a temporalidade da experiência de escrita, inversamente, à do amor: “É, portanto, um erro equiparar quem escreve sobre a própria vida com um exibicionista, pois este último tem apenas um desejo, mostrar-se e ser visto no mesmo instante”<sup>23</sup>. A arte é o avesso das patologias do amor. No devir temporal, a relação entre amor e arte é *criativa*. Nos termos de Clarice: “Às vezes – às vezes nós mesmos manifestamos o inexpressivo – em arte se faz isso, em amor de corpo também – manifestar o inexpressivo é criar”<sup>24</sup>.

O amor erótico é, portanto, o estado de máxima proximidade entre linguagem (as múltiplas fórmulas de se dizer “eu te amo”) e corpo (a experiência anatomofisiológica do amor).

## 8.

Resta-nos enfrentar uma última questão: há cura para as patologias do amor? Javier Marías coloca o problema à luz da ambivalência da enamorada María Dolz: “Que me inspirasse medo e repulsa misturados certamente com atração ou com enamoramento, porque essas duas últimas coisas não são suprimidas de uma hora para a outra e à vontade, mas tendem a demorar como uma convalescença ou como a própria doença (...). A correção dos sentimentos é lenta, desesperadamente gradual. Você se instala neles e fica muito difícil sair (...), tão demorada pode ser sua aderência”<sup>25</sup>. Ora, se há cura, só se pode dar no e pelo amor. Ou, como expresso no jogo de palavras de Gonçalo M. Tavares: *reparar no amante, reparar o amante*.

---

22 Barbery, M. (2024). *Uma hora de fervor*, p. 65.

23 Ernaux, A. (2023). *Paixão simples*, p. 32.

24 Lispector, C. (2020). *A paixão segundo G.H.*, p. 142.

25 Marías, J. (2012). *Os enamoramentos*, p. 215.

A terapêutica do enamoramento patológico, pois, opera como um vetor: do *in*-namoramento ao ex-namoramento, em direção à abertura ao amor. Deriva da restituição paciente da fluidez interpessoal à consciência hermética. Como despertar do sono profundo. Reinauguração da possibilidade de amar.

Faria sentido, então, estender tal premissa à clínica psicopatológica em geral? Afinal, como disse Guimarães Rosa, “só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, (...), se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura”<sup>26</sup>.

\*

Por fim, amor erótico vivido é aprofundamento intercorporal da paixão e do sexo, superação antropológica do isolamento num ou noutro. Amor fenomenológico é, acima de tudo, união transcendental como correção de todo dualismo. Nas palavras de Mao para Márcia: “Esse mundo de explicações em que você vive é um erro. O amor é a saída do erro”<sup>27</sup>. Concluo com um versinho de Drummond: “Que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar?”<sup>28</sup>.

---

26 Rosa, J. G. (2015). Grande sertão: veredas, p. 258.

27 Aira, C. (2024). A prova, p. 81.

28 Andrade, C. D. (1986). Amar, p. 49.

**Referências bibliográficas:**

- Aira, C. (2024). *A prova*. 1ª ed. São Paulo: Fósforo.
- Aira, C. (2024). *O congresso de literatura*. 1ª ed. São Paulo: Fósforo.
- Andrade, C. D. Amar. (1986). In: *Claro enigma*. 10ª ed. São Paulo: Editora Record.
- Aristóteles. (2017). *Retórica*. 1ª ed. São Paulo: Edipro.
- Barbery, M. (2024). *Uma hora de fervor*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Barthes, R. (2006). *Fragments de um discurso amoroso*. 1ª ed. Coimbra: Edições 70.
- Becher, G. (2023). *A fundação do ser sexual*. In: *Psicopatol. Fenomenol. Contemp.*, v. 12, n. 2: Edição especial.
- Becher, G. E., Hortêncio, L. O. S. *Sexualidade: Uma leitura fenomenológica da perversão sexual*. In: Tamelini, M. & Messas, G. *Fundamentos de clínica fenomenológica*. (2022). São Paulo: Editora Manole.
- Binswanger, L. (1964). *Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins*. 4ª ed. Zurich: Max Niehans.
- Cruz, A. (2021). *A boneca de Kokoschka*. Porto Alegre: Dublinense.
- Ernaux, A. (2023). *Paixão simples*. 1ª ed. São Paulo: Fósforo.
- Hegel, G. W. F. (2014). *Fenomenologia do espírito*. 9ª ed. São Paulo: Vozes.
- Lispector, C. (2020). *A paixão segundo G.H.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- Marías, J. (2012). *Os enamoramentos*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Martin, N. (2021). *Escute as feras*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34.
- Merleau-Ponty, M. (2015). *Fenomenologia da percepção*. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda.
- Messas, G. (2010). *Ensaio sobre a estrutura vivida: psicopatologia fenomenológica comparada*. 1ª ed. São Paulo: Roca.
- Murakami, R. (2023). *Azul quase transparente*. 1ª ed. Rio de Janeiro: DarkSide Books.
- Oe, K. *O homem sexual*. (2011). In: *14 contos de Kenzaburo Oe*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ortega Y Gasset, J. (2019). *Estudos sobre o amor*. 1ª ed. Campinas: Vide Editorial.
- Ribeiro, J. U. (2018). *A casa dos budas ditosos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Rosa, J. G. (2015). *Grande sertão: veredas*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Tavares, G. M. (2021). *Atlas do corpo e da imaginação*. Porto Alegre: Dublinense.

Tolstói, L. (2017). *Anna Kariênina*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.